

**RETROSPECTIVE
GUY BOURDIN
2011**



**RETROSPECTIVE
GUY BOURDIN**

**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE 2011**

**OURDIN,
CAMERA”**

dos e inova-
uma virada

te inspirado
moda.

de glamour
is ousados e

ca, transfor-

nte precisas
vel e humor

ual que não
moda como

thime, 2011
urdin Estate

GUY BOURDIN, “UM PINTOR COM UMA CÂMERA”

É um momento de grande honra apresentar a obra do lendário fotógrafo Guy Bourdin, considerado um dos artistas mais ousados e inovadores no mundo da cultura visual. Com sua singular percepção sobre arte, moda, fotografia e publicidade, foi responsável por uma virada revolucionária na produção de imagens no século XX.

Um pintor durante toda a sua vida e um fotógrafo autodidata, começou a carreira artística no início dos anos 1950, fortemente inspirado pelo Surrealismo e sua extrema liberdade de expressão. Libertário e independente, criou imagens magistrais nos domínios da moda.

Nascido em Paris, Guy Bourdin esteve na vanguarda da fotografia de moda por mais de 35 anos. Criou um universo visionário de glamour e intriga para as publicações de maior destaque internacional e capturou a imaginação de toda uma geração com seus editoriais ousados e campanhas publicitárias que quebraram paradigmas.

Com o olhar de um pintor e intensa sensibilidade, criou momentos de magia usando a revista de moda como sua tela pictórica, transformando a imagem de página dupla não apenas em sua assinatura, mas na sua própria arte.

Famoso por seus cenários fotográficos ambíguos, sua narrativa sugestiva, sua estética surrealista, suas composições extremamente precisas e suas cores hiperreais, ele quebrou de modo radical as convenções da fotografia publicitária com seu perfeccionismo implacável e humor afiado.

Guy Bourdin foi o mestre do teatro de contradições, criando uma fantasia situada entre o absurdo e o sublime, um terreno visual que não necessita de explicação e requer liberdade de interpretações, tornando-se um desafio para o espectador. Usando a fotografia de moda como meio, ele mandou sua mensagem, a qual é de difícil decodificação. Com Guy Bourdin, estamos no “théâtre de l’imaginaire”.

*Texto por Shelly Verthime, 2011
Curadora internacional The Guy Bourdin Estate*

O UNIVERSO PARTICULARÍSSIMO DE GUY BOURDIN

O mito em torno de vida e obra de Guy Bourdin (1928 – 1991) está intimamente relacionado à sua personalidade discreta e enigmática, avessa à exposição pública, e ao conteúdo intrigante e provocador de suas imagens, mas também aos fatos de o artista jamais se ter preocupado em deixar o espólio organizado, nunca ter publicado um livro de sua obra em vida e tampouco ter aceito as mais altas distinções que lhe foram outorgadas.

Graças ao empenho de seu único filho, Samuel Bourdin, e de sua mais cara estudiosa, Shelly Verthime, Porto Alegre terá a rara oportunidade de imergir no fantástico universo do artista francês, responsável por romper com os padrões da fotografia de moda tradicional, transformando o objeto de consumo em um elemento de seu surpreendente jogo de cena. Para Bourdin, o importante era despertar desejo, e este sentimento ele produzia criando imagens fantasiosas, em ambientes extremamente sofisticados, dotados da mais alta carga dramática, que de imediato tornavam o espectador seu cúmplice, voyeur de sua teatralização da vida.

Suas narrativas visuais, que ora remetem ao universo dos surrealistas, ora a situações de perigo iminente, povoadas por mulheres belas e profundamente sensuais, funcionam como verdadeiras pinturas fotográficas, ou como film stills de uma obra hitchcockiana. Tudo é superlativo em Guy Bourdin, do lipstick ao cabelo vermelho usado pelas modelos, e não poderia ser diferente com os adjetivos usados para descrevê-lo.

Obstinado, preciosista e idiossincrático, reza a lenda que o fotógrafo obtinha seus resultados estéticos a qualquer custo, a qualquer tempo. Em certa feita, segundo relato do célebre jornalista Tim Blanks ao New York Times, teria sido enviado ao Taiti, por duas semanas, com a missão de fotografar um editorial de moda praia para Vogue Paris, revista esta que lhe rendeu seu primeiro contrato em 1955. De lá, retornaria à redação com apenas uma transparência (slide): a clássica fotografia das modelos nuas com antúrios entre as pernas. Francine Crescent, editora da revista à época, não apenas publicou a imagem, como permaneceu responsabilizando-se por acolher e estimular a genialidade do artista nos anos que se seguiram, até que fosse encerrada sua trajetória à frente do periódico em 1987. Mas ela não seria a única a endossar os excessos de Bourdin. Divas e celebridades das mais variadas estaturas concediam em permanecer dias a fio em seu estúdio até que o mestre estivesse satisfeito com o resultado da obra.

A moda era seu ganha-pão, mas a arte era seu móvel.

Bourdin soube compreender melhor do que ninguém o Zeitgeist dos anos 1970: isto é, a emancipação das mulheres e a emergência do sexo como algo vital tanto na vida privada quanto na pública – e justamente por isso ele merecia e deveria ser representado em imagens. Não apenas o sexo, mas toda a sorte de pulsão erótica que estimulasse a imaginação humana. Neste sentido, a herança surrealista, provavelmente deixada por Man Ray (de quem fora protegido na juventude), lhe garantiria acesso ao mundo das fantasias, ao inconsciente, à natureza humana selvagem que segue latente mesmo sob a mais firme tutela do puritanismo social.

Um esteta acima de tudo, Bourdin construía cenários refinadíssimos em seu estúdio no bairro Marais, em Paris, e despendia grandes somas com essa finalidade, não raro às suas próprias expensas. Lançava mão de seus atributos de desenhista e pintor para elaborar mise-en-scènes fellinianas, as quais erigia para uma única e sonhada imagem a ser fotografada, por exemplo, para uma campanha de Charles Jourdan. Sua parceria com a tradicional marca de sapatos francesa está entre as mais profícuas da história da moda, possivelmente encontrando paralelo, nos dias de hoje, apenas com aquela estabelecida entre o designer Marc Jacobs e o fotógrafo Jürgen Teller.

Aliás, longevidade nas relações profissionais muito provavelmente seja a chave para a compreensão de diversos aspectos da vida e da obra de Guy Bourdin. Os laços de amizade, mas sobretudo os criativos, que ele viria a estabelecer com duas personalidades da maior relevância no mundo da moda – a saber, Francine Crescent, que foi editora de Vogue Paris e com quem trabalhou por trinta anos, e Roland Jourdan, para quem fotografou as campanhas de sapatos por cerca de quinze anos, num primeiro momento para a marca Charles Jourdan e posteriormente para a marca Roland Pierre – lhe garantiriam liberdade de sobejo para alçar os mais altos vôos criativos no horizonte da moda, especialmente por volta dos anos de 1970.

Embora tenha assinado editoriais de moda para outras revistas – Harper's Bazaar, Vogue Itália – e fotografado campanhas publicitárias para outras grifes – Chanel, Ungaro, Versace –, foi através de ambos seus “mecenas” que obteve carta branca para desenvolver uma obra consistente e de características absolutamente autorais, as quais, a rigor, mantinham estreita relação com seu universo pessoal, sua ampla formação artística (além de pintar, desenhar e escrever poesia, possuía uma coleção de mais de 3.000 livros de arte) e seu método de trabalho artesanal (ele próprio construía e pintava boa parte dos elaborados cenários de suas imagens). Por conta disso, o conjunto de sua obra, especialmente se observado hoje, com o distanciamento crítico que tão-somente o tempo é capaz de trazer, prima por sua coesão, coerência, relevância e, acima de tudo, integridade, características próprias do artista mas que as circunstâncias profissionais possivelmente tenham ajudado a forjar.

Guy Bourdin sempre foi figura de exceção, verdadeira avis rara no mundo fashion. Revestia suas imagens de grande beleza e sofisticação

estéticas, mas as investia de densidade e força criativas inigualáveis. Num certo sentido, mais que um fotógrafo de moda, Bourdin foi um artista que ao longo dos trinta anos em que atuou na publicidade fez fruir suas mais caras fontes de inspiração para criar imagens dotadas de ampla autonomia conceitual, muito embora seu propósito original fosse a indústria da moda. De Renné Magritte, por exemplo, percebemos a influência na composição das paisagens de tintas oníricas; de Alfred Hitchcock, na concepção de cenas de grande mistério e suspense; da Pop Art, no seu gosto pelos blocos de cores sólidas, artificiais e chapadas; de Luis Buñuel, na representação da alta burguesia em cenários de atmosfera surrealista; de Francis Bacon, na construção de cenários herméticos que esquadrinham e enclausuram as modelos.

Não obstante sua veia essencialmente artística, foi Bourdin quem, melhor que qualquer outro de seus pares, compreendeu a essência de seu métier. Por saber que suas imagens se destinavam às páginas das chamadas glossy magazines (revistas femininas), buscou dissecar a própria estrutura dessas publicações: antes de fotografar uma imagem na horizontal, para impressão em página dupla – o que viria a tornar-se sua assinatura, por assim dizer –, ele fazia uso de suas habilidades de desenhista para compor o quadro fotográfico, definindo com absoluto rigor o exato espaço a ser ocupado por cada elemento, por cada volume, sempre levando em conta a espinha dorsal da publicação, a qual divide a fotografia em duas partes, por vezes causando o efeito de espelhamento entre as páginas, por outras seccionando o corpo feminino. Tal era seu apreço pelo meio onde suas imagens eram veiculadas, que Bourdin não apenas estudou as características físicas da publicação impressa como também refletiu sobre aspectos semiológicos da comunicação com o leitor. Suas construções mise-en-abîme, ou de metalinguagem (a imagem fotográfica dentro da imagem), são prova disso, bem como o são sua capacidade de capturar a atenção do consumidor sobre produto ao lançá-lo vertiginosamente num mundo de fantasia e desejo.

De toda a trajetória como fotógrafo de moda, possivelmente sejam os anos de 1970 os mais representativos de sua estética. A profusão de cores, a imagem televisiva e a liberação sexual, típicas desta década, são tão centrais em sua obra quanto o são o Pop, o humor, o erotismo, o drama e a paixão pelas paisagens insólitas. Os excessos daquele decênio, aliados à carga onírica de suas imagens, talvez tenham permitido a Bourdin operar num registro limite, entre pólos aparentemente opostos que ele lograva conjugar com admirável destreza: encontrava humor no macabro; mesclava o sexo à infância; coloria a atmosfera sinistra; fazia do kitsch algo sofisticado; tornava a morte uma experiência sublime.

De lá para cá, a obra de Guy Bourdin vem exercendo uma poderosa influência sobre toda uma geração de artistas de prestígio nos mais diversos campos da criação, da fotografia a videoarte. De David LaChapelle e Inez van Lamsweerd & Vinoodh Matadin a Cindy Sherman, Paul McCarthy e Matthew Barney, o impacto de suas imagens se faz sentir para muito além do terreno publicitário. Sua série de cinefilms está entre as produções audiovisuais mais interessantes no campo daquilo que se convencionou chamar atualmente de cinema expandido, ou, para inverter o ponto de vista, poderíamos chamar de “fotografia expandida”. Nesses curtas-metragens, em sua maioria rodados em Super-8 e 16mm, tomamos contato com a mesma atmosfera densa e ameaçadora das fotografias de Bourdin, porém somos surpreendidos

por uma pequena ação que nada revela, mas dinamiza a beleza estética dos cenários e aguça os sentidos do espectador habitualmente já perturbados por suas imagens inanimadas.

Hoje, transcorridas exatas duas décadas de sua morte, a obra de Guy Bourdin permanece profundamente atual. E ao contrário do que se poderia supor, suas imagens não envelheceram com o passar do tempo; elas se impõem como antídoto a uma indústria que vem se tornando, lamentavelmente, cada vez menos criativa.

Se vivo e jovem fosse nos dias de hoje, é bastante provável que suas mais ousadas imagens jamais viessem a ganhar as páginas das revistas femininas; por outro lado, inequivocamente, elas permaneceriam conquistando público e espaço nas paredes de museus e galerias mundo afora.

Texto por Bernardo José de Souza, coordenador do programa educativo da exposição Retrospective Guy Bourdin em Porto Alegre, coordenador de cinema, vídeo e fotografia da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Porto Alegre e professor da ESPM/RS e da PUC/RS. Especialista em fotografia e moda pelo London College of Fashion, foi colaborador da revista Vogue e do jornal Folha de SP.

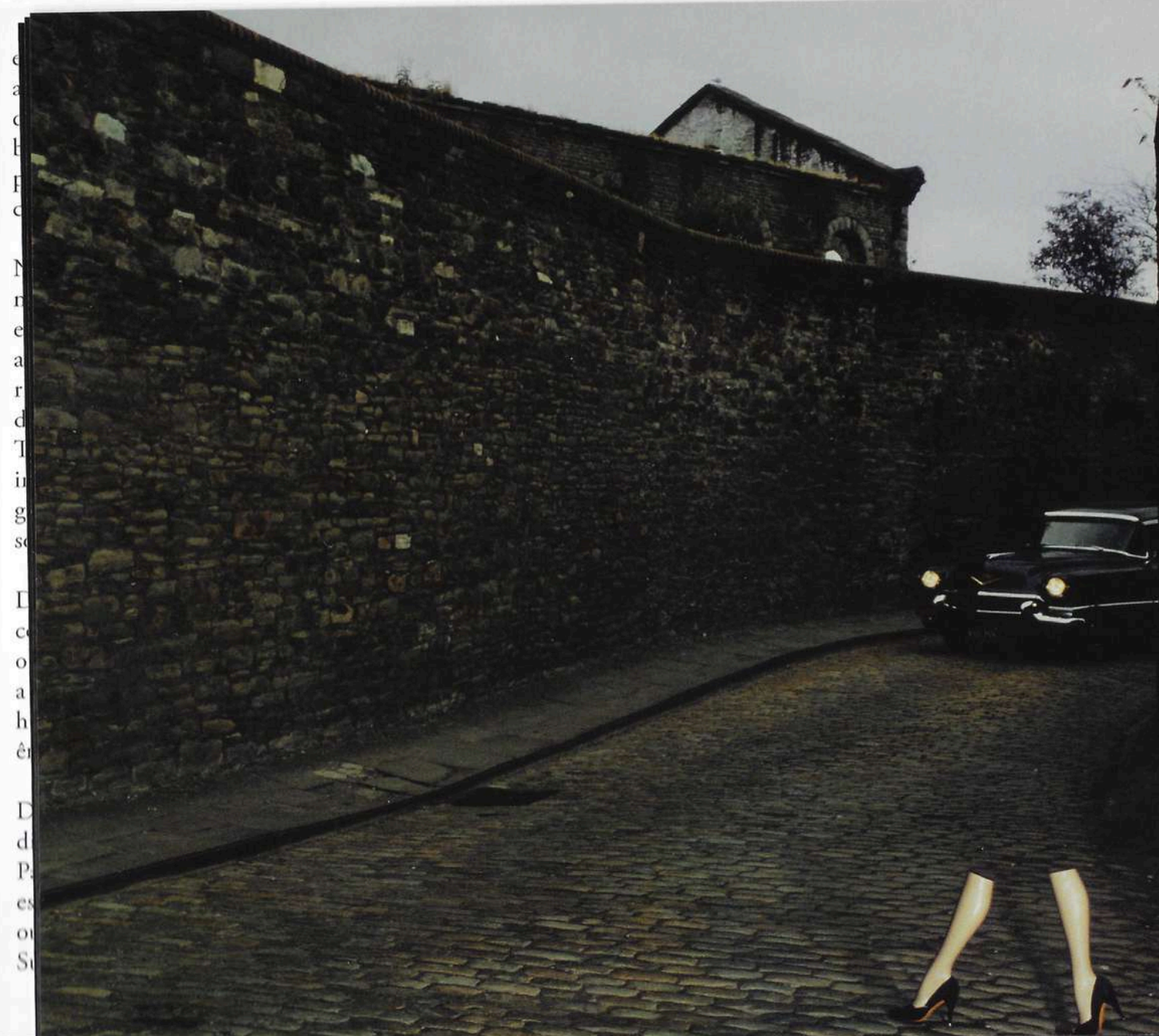
IMAGENS

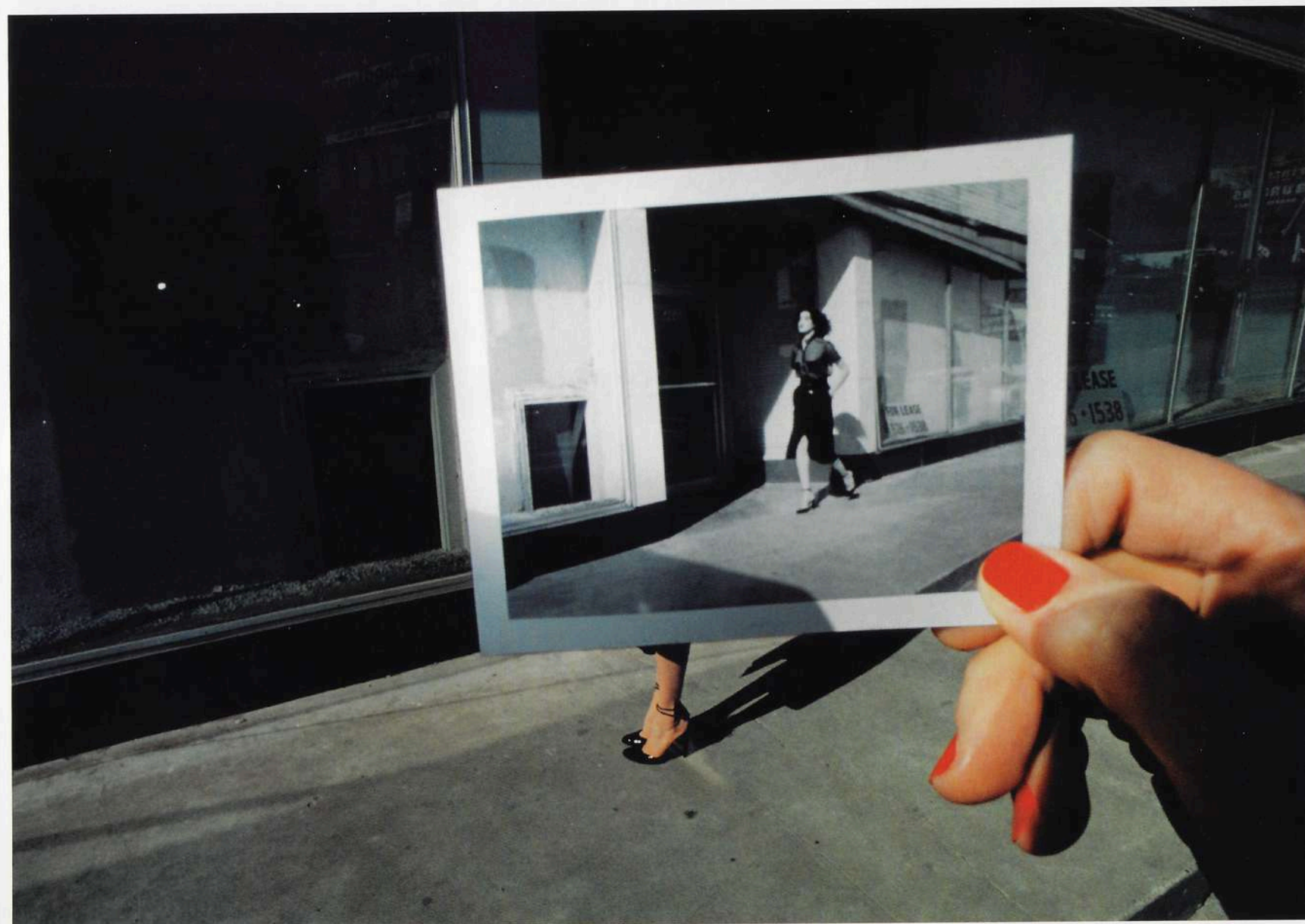
“Não há medida para o infinito
Nem tempo para a eternidade
Mas eu transformarei a beleza em mármore
Aquele que no azul da noite, da noite eterna
Vai brilhar, brilhar, imortalmente.”

Guy Bourdin









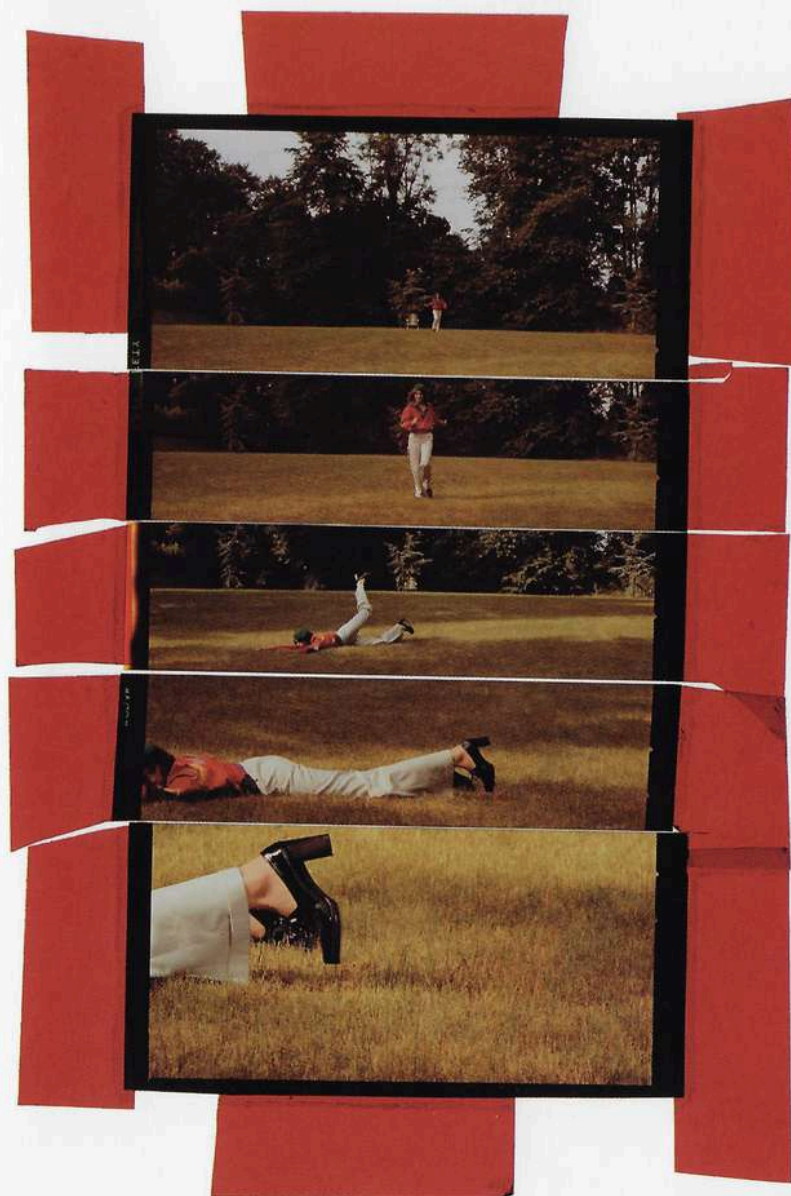
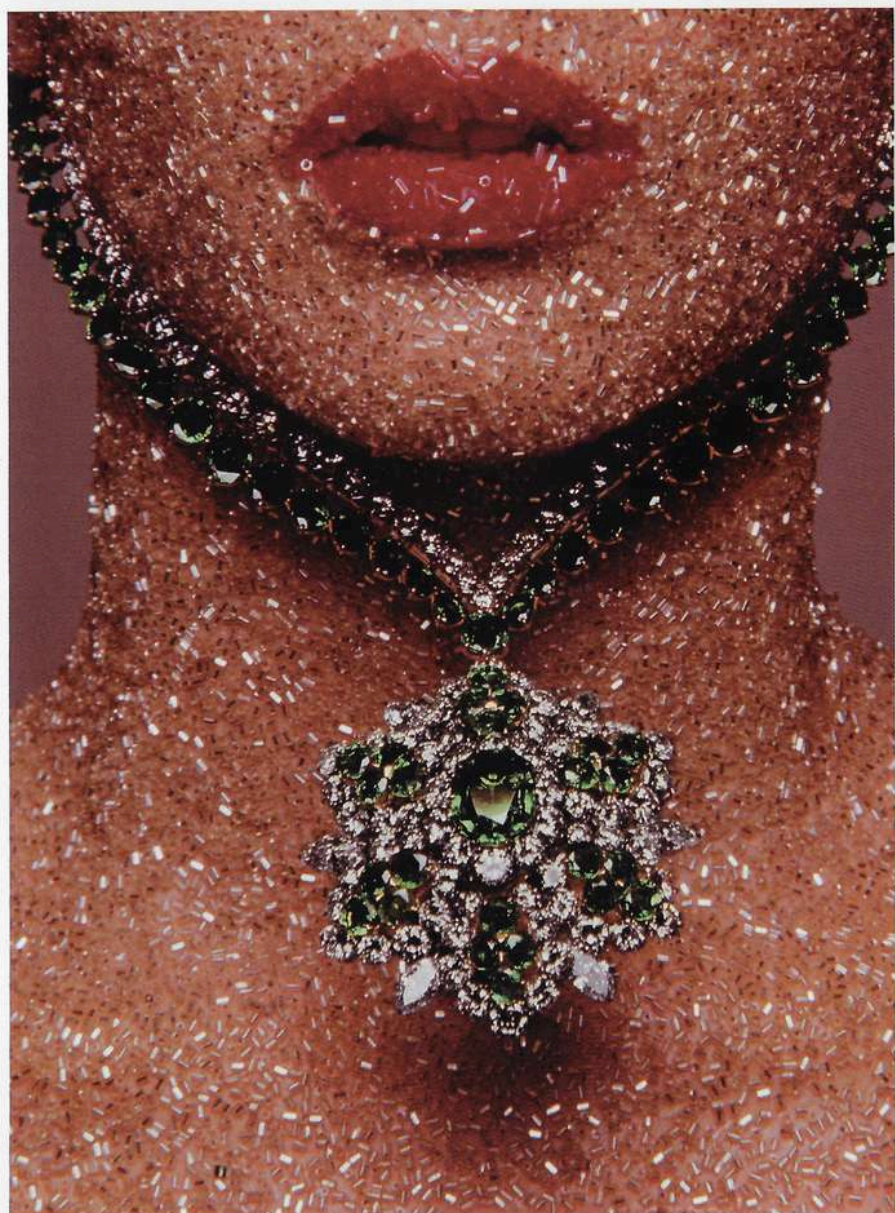




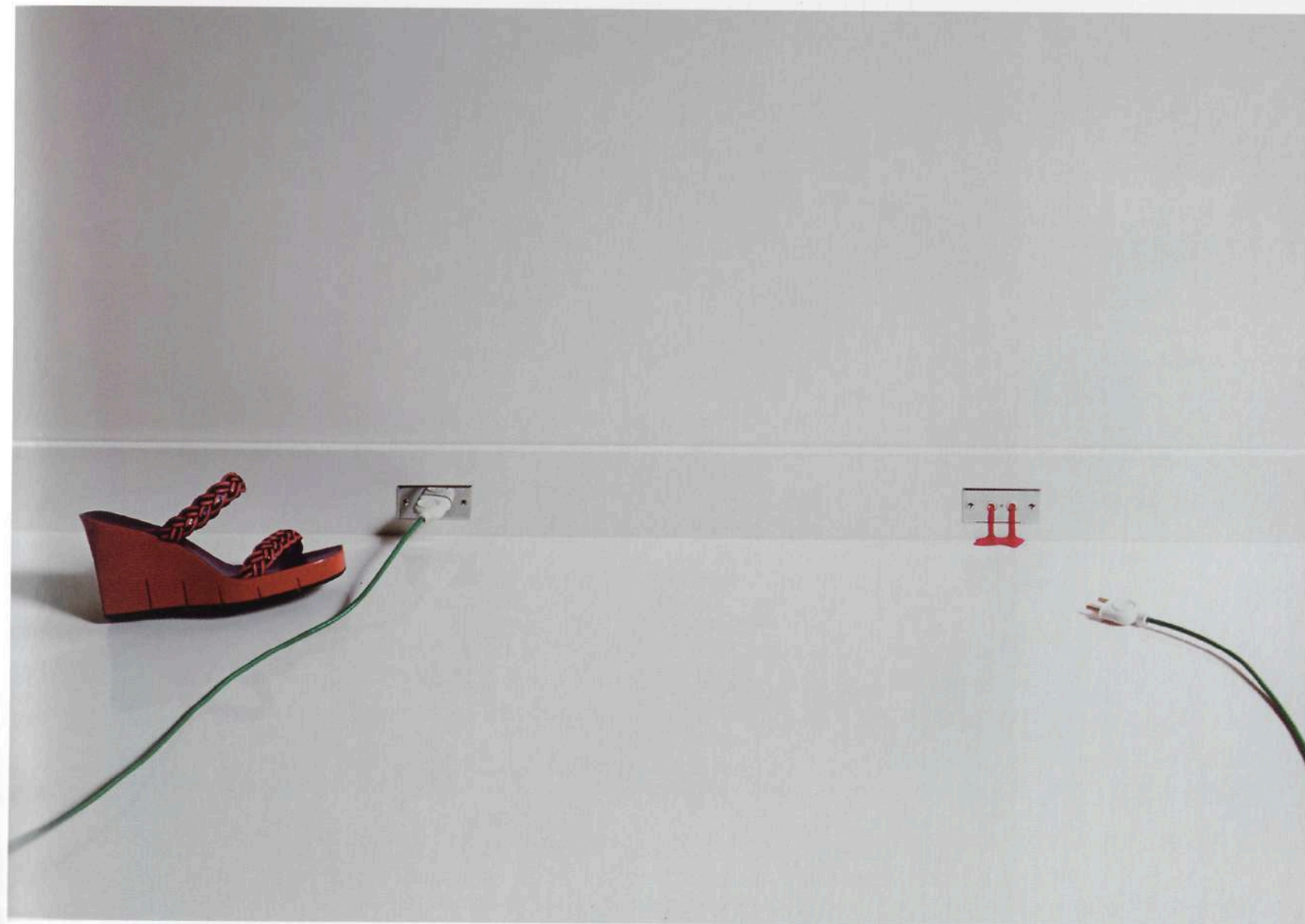


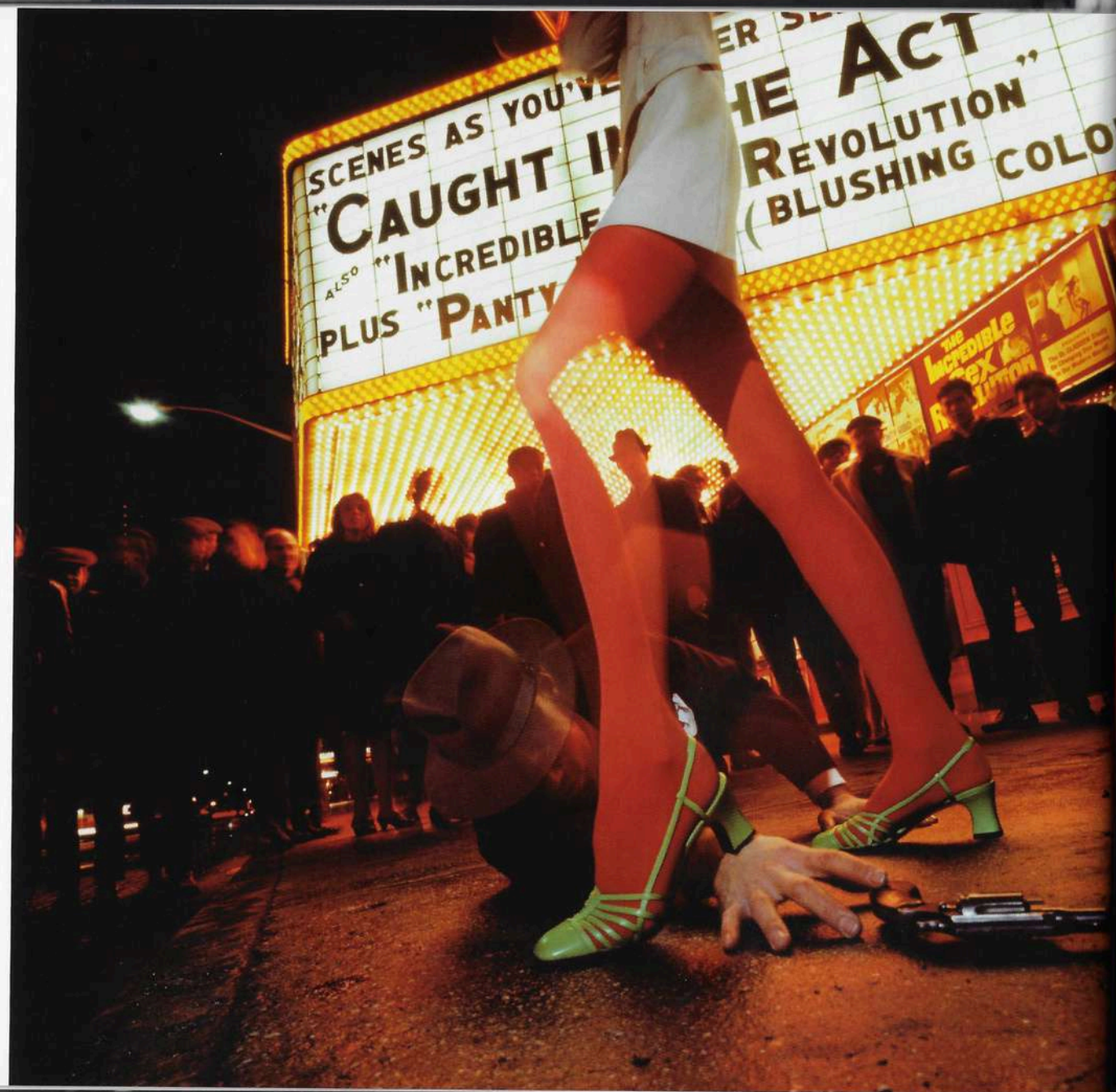






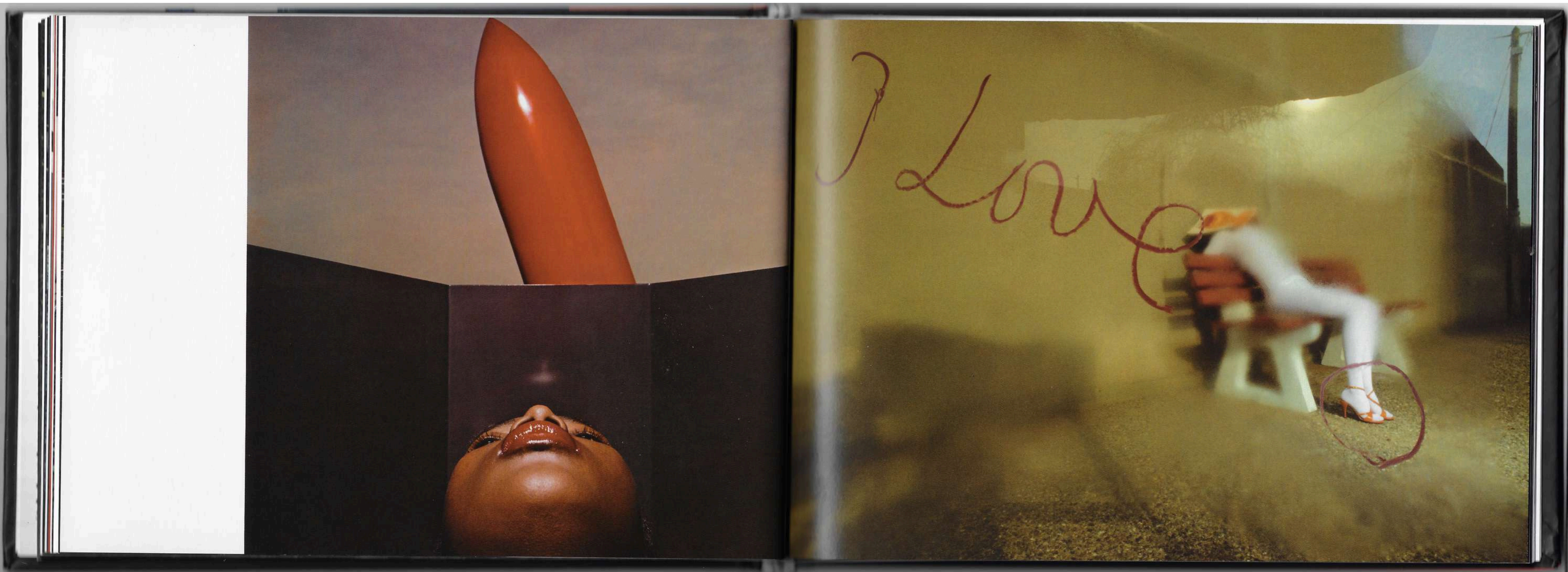










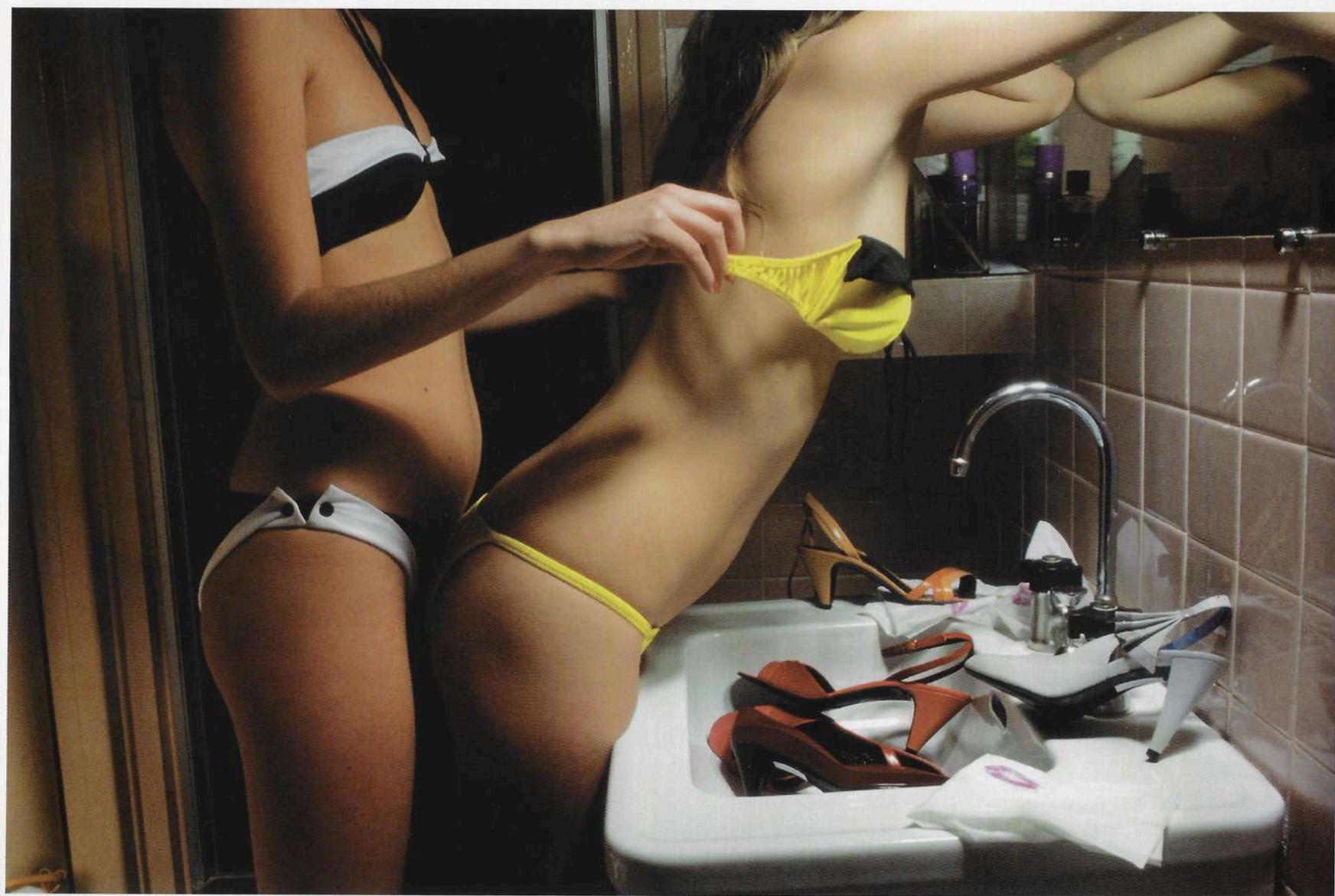


























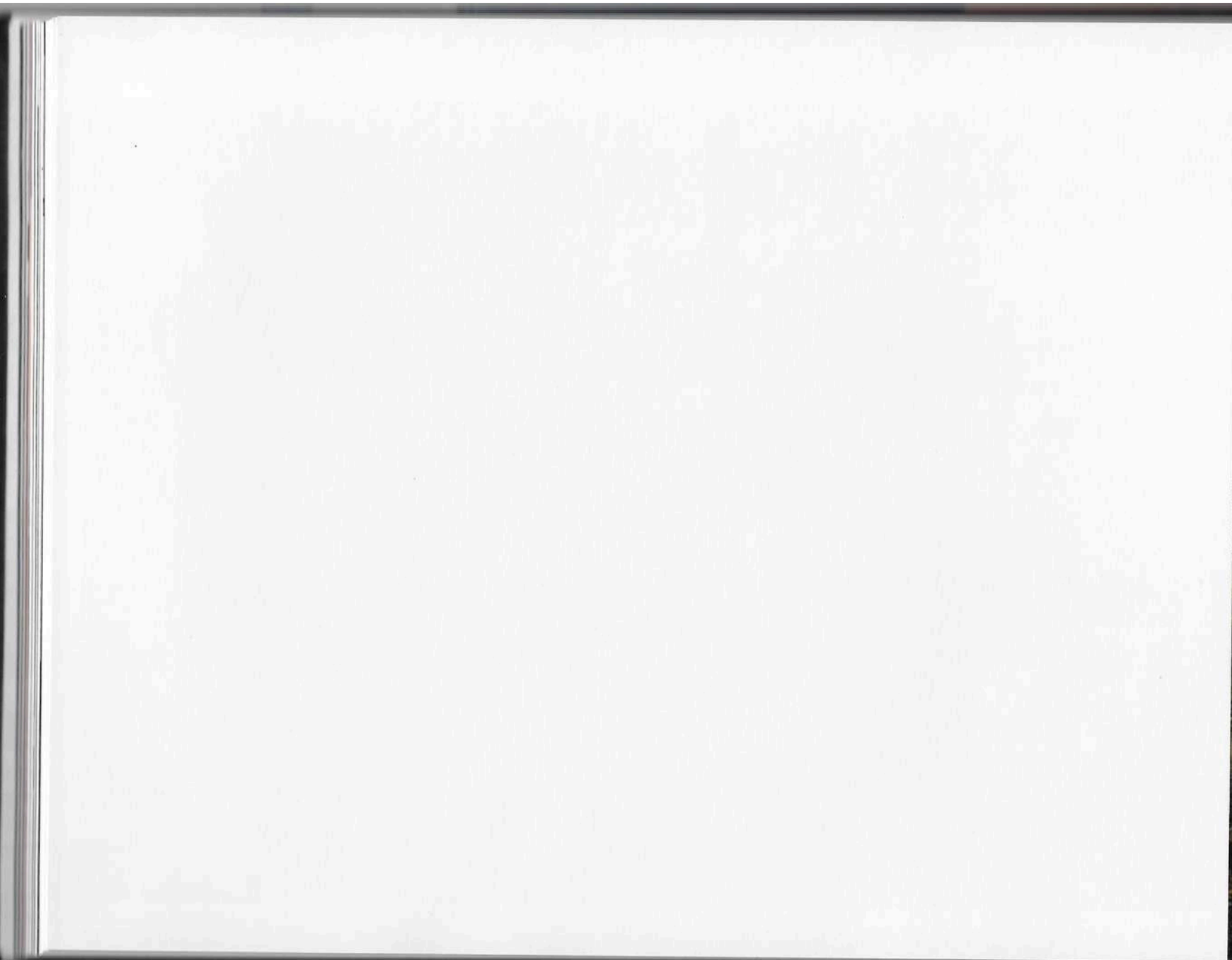


**OCCUPANCY
BY MORE THAN
2 PERSONS
IS DANGEROUS
AND UNLAWFUL**

Commissioner
Department of Buildings
City of New York









AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
Samuel Bourdin

Todas as fotos © The Guy Bourdin Estate. Cortesia Art + Commerce.

BIOGRAFIA:

- 1928** Nascimento de Guy Louis Banarès em 2 de dezembro na 7 rua Popincourt, em Paris.
- 1950** Primeira exposição de desenhos e pinturas na Galerie, rua de Bourgogne, em Paris.
- 1952** Exposição de fotografias na Galeria 29, 29 rua de Seine, em Paris. A introdução do catálogo é assinada por Man Ray.
- 1955** Primeira edição em francês da Vogue. Exposição de desenhos na Galerie des Amis des Arts, em Paris Cours Mirabeau. Exposição de pinturas na Galerie Charpentier, em Paris.
- 1957** Exposição de pinturas e desenhos na Galeria Pedro Deitsch, East 73rd Street, Nova York.
- Contribuições (fotografias) Vogue exposição no âmbito da Bienal Internacional de Fotografia, em Veneza.
- 1961** Casa-se com Solange Geze.
- 1967** Nascimento de Samuel, filho único de Guy Bourdin. Primeira campanha publicitária de calçados Charles Jourdan. Primeiras fotografias de moda para revistas Harper’s Bazaar e imagem.
- 1972** Primeira série de fotografias para a Vogue italiana.
- 1974** Primeira série de fotografias para a Vogue britânica.
- 1975** Campanha publicitária para Issey Miyake.
- 1976** Catálogo Lingerie Suspiros e Sussurros da loja de departamentos Bloomingdale’s em Nova York.
- Campanhas para locação por Gianfranco Ferre, Cúmplice & Callaghan por Gianni Versace, e Loewe. Calendário para 1980 Pentax.
- 1985** Campanha publicitária para Emanuel Ungaro. Recusa o Grand Prix National de la Photographie, emitido pelo Ministério da Cultura Francês. Premiado com a “Infinity Award 1988” do Centro Internacional de Fotografia em Nova York, para sua campanha da Chanel em 1987. Contribuição para a Trienal Internacional de Fotografia, em Paris.
- 1991** Morte em Paris, 29 de março, com 62 anos.

FICHA TÉCNICA

Co-Produção: Amanda Monteiro e Andressa Damin

EQUIPE INTERNACIONAL

Guy Bourdin State - Samuel Bourdin
Curadora Internacional - Shelly Verthime
Direção Executiva Internacional - Amanda Monteiro
Relações Institucionais - Osvaldo Costa
Design Gráfico - Lavinia Góes

EQUIPE LOCAL

Coordenação Geral - Andressa Damin
Produção Executiva - Linha Mestra Eventos
Museografia e Cenografia - Liquens
Coordernador Programa Educativo - Bernardo Souza

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: Governador - Tarso Genro
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA: Secretário - Assis Brasil
CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA: Diretor - Marcos Barreto
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS: Diretor MAC - André Venzon
TÉCNICAS EM ASSUNTOS CULTURAIS: Ana Cristina Gonzalez e Gabriela Corrêa da Silva

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS: Samuel Bourdin, Renato Malcon, André Venzon e Bernardo Souza.

AGRADECIMENTOS: Victor D’Almeida Oliveira, Art+Commerce, Simone Schlottfeldt, Valpério Monteiro, Conselho Estadual de Cultura, Magna Sperb, Sophie Isdra, Dedé Ribeiro, Luiza Pires, Miltinho Tavaleira, Lourdes Vendruscolo e Rafael Balle.

Patrocínio



Apoio Cultural



Apoio Institucional



CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA

Financiamento



SECRETARIA DA CULTURA DO GRANDE RIO



APOIADORES: Oi Futuro, Fnac, ESPM, Estudio Mutante, Prefeitura de Porto Alegre, Associação dos Amigos da Casa de Cultura Mario Quintana, IEAVI, IECINE, Killing, Marcelo Jacobi, Peruzzo, Pino, Servipress, Liqueus e Linha Mestra.

1978 - Arquivo pessoal do artista. © The Guy Bourdin Estate.